POR DENTRO DO

poema



Consonante Duo

- percussão e poesia -

Este material foi desenvolvido como fonte de informações, interpretação de texto, curiosidades e dados de contexto de 10 poemas de autores brasileiros que fazem parte do repertório do recital PALAVRA PERCUSSIVA montado pelo Consonante Duo (Florianópolis/SC) em 2022.

O trabalho apresenta poemas que evidenciam a beleza da língua portuguesa, com suas figuras de linguagem, trocadilhos e possibilidades infinitas.

No ícone  é possível ter acesso a obras (textos, vídeos, livros) que são referências deste material.

Des-frute!

2024

Consonante Duo

- percussão e poesia -

índice

02 VAMOS BRINCAR DE POESIA?

04 A GRANDE CATÁSTROFE (Mario Quintana)

06 REMIX SÉCULO XX (Waly Salomão)

09 UMA PALAVRA (Chacal)

10 LÍNGUA (Caetano Veloso)

21 COM LICENÇA POÉTICA (Adélia Prado)

23 O RELÓGIO (Vinicius de Moraes)

24 O AMOR BATE NA AORTA (Carlos Drummond de Andrade)

27 ODE AOS RATOS (Chico Buarque)

29 CAUDA (Lewis Carrol - trad. Augusto de Campos)

32 NOME (Arnaldo Antunes)

33 REFERÊNCIAS

VAMOS BRINCAR DE POESIA?

Última frase do poema “Convite” de José Paulo Paes é o título desse capítulo que pretende guiar o leitor e trazer informações sobre interpretação de textos poéticos.

De acordo com Thomas Foster, ex-professor de Literatura e autor do livro *How to read poetry like a professor* (Como ler poesia como um professor, em tradução livre), a poesia é um experimento com a linguagem, como se fosse um laboratório. Então, quando um poeta trata algum assunto, busca fazer isso de um jeito diferente e único, que desperte a imaginação do leitor. É diferente de outros gêneros textuais, que falam de uma maneira mais literal.

Muitas vezes, o primeiro passo para compreender uma poesia é se conectar com seus sentimentos e entender o que ela desperta em você. Colocar-se no lugar do autor e pensar no que ele estava sentindo quando escreveu o poema também é um exercício interessante.

Outra dica interessante é ler o poema em voz alta, afinal a sonoridade das palavras e frases tem muita importância nesse gênero. Analise as rimas, observe se há alguma palavra ou estrutura que se repete ao longo da obra e qual a sua função no poema.

Cada item a seguir está acompanhado de um símbolo, indicando quando aparecerão nos poemas:

figuras de linguagem 

Figuras de linguagem são formas de expressar ideias que tem como objetivo multiplicar a comunicação para além do que está em sentido literal, ampliando, assim, os significados do que está sendo dito ou escrito. Dessa forma, há um efeito diferenciado no discurso, tornando possível dizer algo sem que seja de um jeito restrito de acordo com as regras do nosso idioma, isto é, ficando mais próximo da linguagem comum. Assim, uma frase pode trabalhar o seu sentido conotativo ao invés do sentido literal.

neologismo 

Neologismo é o fenômeno da criação de palavras novas. Essas palavras surgem com o intuito de suprir lacunas momentâneas ou permanentes acerca de um novo conceito.

rima 

A rima é um recurso obtido pela semelhança do som entre palavras, usado na literatura para dar sonoridade e ritmo aos poemas.

intertextualidade 

A intertextualidade é a relação entre dois textos caracterizada pela referência de um pelo outro de maneira implícita ou explícita.

A GRANDE CATÁSTROFE (Mario Quintana)

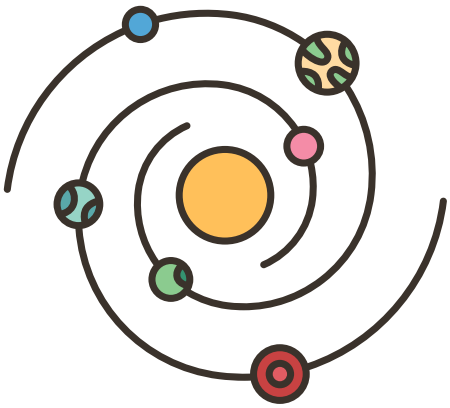
No princípio era o Verbo.
O verbo Ser.
Conjugava-se apenas no infinito.
Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.

“No Princípio era o Verbo” é a abertura presente no primeiro capítulo do Evangelho de João, na Bíblia, que em seus versículos iniciais retoma a criação do mundo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.

O verbo “ser” é um verbo de ligação entre sujeito e predicativo. Dependendo da ênfase pretendida pelo enunciador, pode concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo.

Verbos Intransitivos são aqueles que não necessitam de complemento porque têm sentido completo. Por esse motivo, eles conseguem formar o predicado sozinhos.

O verbo ser é um verbo extremamente irregular que, quando conjugado, apresenta alterações tanto no seu radical como nas suas terminações. Aqui o autor faz relação com a conjugação “infinitivo” que é a forma pura do verbo, nesse caso “ser”, e cria a possibilidade de conjugação “infinito”.



Na frase "Intransitivo absoluto”, o poeta refere-se ao fato de que o "SER" era suficiente em si mesmo, não importando o quê ser.
Em seguida, vem "Depois transigiu, e muito", ou seja, o SER torna-se insuficiente de si mesmo, surge a necessidade de SER ALGO, SER OUTROS. Ser várias coisas. Vários Seres. O SER ALGUMA COISA sobrepõem-se ao SER. O SER que tornava todos um só SER, transforma-se em SERES.

Isto foi no princípio.
Depois transigiu, e muito.
Em vários modos, tempos e pessoas.
Ah, nem queiras saber o que são as
pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles.
Principalmente eles!

CONJUGAÇÃO DO VERBO SER



O homem religioso lê a Bíblia e acredita em Deus Absoluto, no Ato da Criação. O poeta descrente acha que a “Grande Catástrofe” foi Deus ter criado os seres humanos, que se multiplicaram e tornaram-se os “Outros” (os “Eles”) e não se reconhecem como irmãos.
Nesse humor triste e descrente de seus semelhantes, o poeta qualifica como um “pecado” divino ter multiplicado tanto o homem na Terra.

E, ante essa dispersão lamentável,
essa verdadeira explosão do SER em seres,
até hoje os anjos ingenuamente se
interrogam por que motivo as referidas
pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

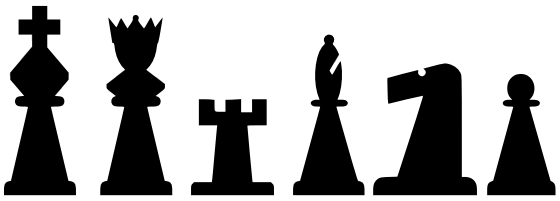
Essa transformação do Ser em Seres que, de acordo com a sua leitura, é o que divide os homens por não se enxergarem como iguais, é a grande catástrofe de Quintana.

ironia

A irônica leitura do autor sobre a criação é a de que a “grande catástrofe” ocorreu quando Deus, Ser absoluto, resolveu criar outros seres e pessoas.



REMIX SÉCULO XX (Waly Salomão)

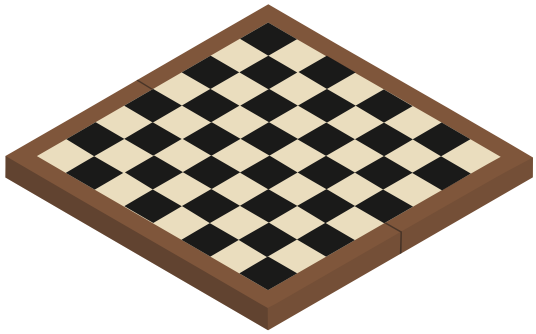


O título sugere o movimento de remisturar, com a complementação de indicação de tempo. Assim, o poema apresenta uma remistura de palavras, próprias daquele século.

Armar um tabuleiro de palavras-souvenirs.
Apanhe e leve algumas palavras como souvenirs.
Faça você mesmo seu micro tabuleiro enquanto jogo lingüístico.

O autor propõe um tabuleiro e o leitor/ouvinte, por sua vez, toma para si um fragmento deste (palavras), transformando-o num micro tabuleiro, espaço esse a ser construído, a ser armado.
Assim, o verso “Armar um tabuleiro de palavras-souvenirs”, pode instigar, dentre suas possibilidades, a ideia de uma batalha, de um jogo.
Fazendo alusão ao tabuleiro de jogos como xadrez, cada leitor/jogador deverá traçar sua estratégia, preenchendo os espaços com suas palavras-souvernirs.

SOUVENIR - termo francês que significa "memória", é um objeto que resgata memórias que estão relacionadas ao destino turístico. Sinônimo de “lembrança de viagem”. Foi adotada na língua portuguesa com a grafia SUVENIR.



Adriana Calcanhoto musica o poema Remix Século XX, de Waly Salomão, no último ano do século (2000), como uma das sínteses do que foram os últimos cem anos.

VERSÃO MUSICADA POR ADRIANA CALCANHOTO

Babilaque, pop, chinfra, tropicália, parangolé, beatnick, vietcong, bolchevique, technicolor, biquíni, pagode, axé, mambo, rádio, cibernética;

As palavras vão estabelecendo conexões aleatórias, “palavra pescando palavra”, construindo novas combinações, outros sentidos. Este é o movimento da modernidade, cujas propostas caminham para a desconstrução dos sentidos pré-fixados. Nessa perspectiva, a partir do poema de Waly Salomão é possível o leitor pensar sobre o grande tabuleiro das identidades distintas.

Esse é um exemplo de palavra da lista que foi inventada no século XX. Apresentado pela primeira vez em 1946, o nome da peça de banho foi inspirado na Ilha Bikini, localizada nos Estados Unidos. A ilha era usada para testes com bombas nucleares e o nome fez alusão a esta invenção explosiva.



Celular, automóvel, buceta, favela, lisérgico, maconha, ninfeta, megafone, microfone, clone, sonar, sputinik, dada;



palavrão?

A grafia correta é boceta e tem origem no latim *buxis*, caixa de buxo — buxo, por sua vez, é uma árvore. As gregas e romanas tinham preferência por essa madeira para suas pequenas caixas em que guardavam objetos de valor. Logo, com a evolução da língua, elas foram chamadas de bocetas. A associação com o órgão feminino se deve ao fato de ele ser o lugar em que está o tesouro da mulher.

A maior parte dos palavrões originaram-se de termos não-escatológicos que, por convenções sociais e metáforas de duplo sentido, acabaram por tornarem-se uma forma obscena de representação.

citações

Na lista de palavras há algumas referências de nomes próprios, como *Sputnik* (em versão aportuguesada), que foi o programa que produziu a primeira série de satélites artificiais soviéticos. O Sputnik 1 foi o primeiro satélite artificial da Terra, lançado em 1957.

Sagarana,
estéreo,
subdesenvolvimento,
existencialismo,
fórmica, arroba,
antivirus, motossera,
mega sena;

Sagarana é um livro de contos modernista publicado por João Guimarães Rosa em 1946.

A palavra sagarana é um neologismo, a junção de duas palavras originárias de dois diferentes povos e culturas. “Saga” é um termo de origem germânica para definir as narrativas históricas, épicas, os cantos heroicos. Enquanto “rana”, de origem indígena, mais precisamente tupi, significa semelhante a, à maneira de.



Cubofuturismo,
biopirataria,
dodecafônico,
polifônico,
Naviloca,
polivox,
polivox,
polivox,
polivox...

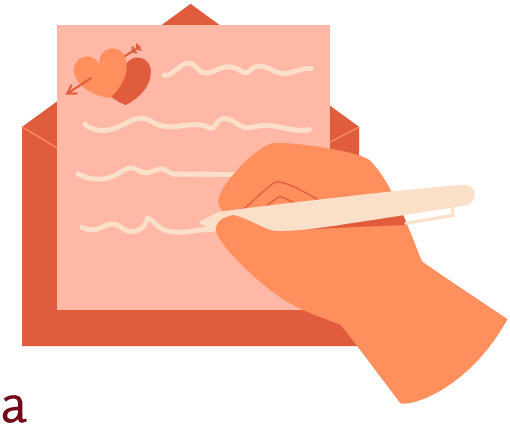
Navilouca foi uma revista de poesia e arte de vanguarda brasileira, que circulou apenas uma edição, em 1974, criada pelos poetas Torquato Neto e Waly Salomão. No poema a grafia suprimiu a letra U.

A *Polyvox* é uma empresa brasileira de eletroeletrônicos fundada em 1967 que atingiu grande sucesso nas décadas de 70 e 80.
No poema a grafia utilizou o I no lugar o Y.

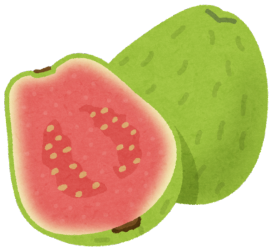


UMA PALAVRA (Chacal)

uma
palavra
escrita é uma
palavra não dita é uma
palavra maldita é uma palavra
gravada como gravata que é uma palavra
gaiata como goiaba que é uma palavra
gostosa







metalinguagem

A Metalinguagem é a linguagem que descreve sobre ela mesma. Ou seja, ela utiliza o próprio código para explicá-lo. Nesse caso, a palavra define a palavra, a palavra explica a palavra.

O encadeamento ocorre quando o verso não finaliza juntamente com o segmento sintático, isto é, há continuação do sentido de um verso no outro, conforme acontece em todo o poema. A rima interna acontece no meio dos versos de uma poesia, em vez de no final dos versos, como observamos em “escrita”, “dita” e “maldita”, também, em “gravata” e “gaiata”.

O duo norte-americano Sofi Tukker lançou em 2019 a música “Swing”, com letra deste poema.

SWING DE SOFI TUKKER

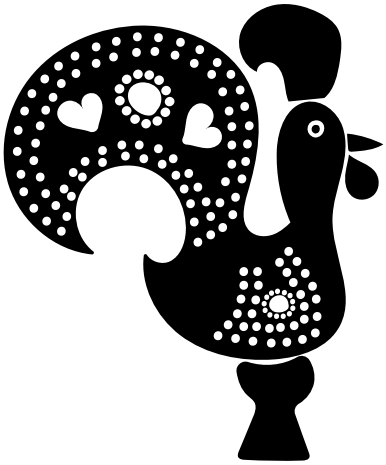
Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar

Criada como letra de música, está no disco chamado *Velô*, de 1984. A canção não é apenas uma homenagem, mas também uma reflexão sobre a língua portuguesa, mais especificamente o português falado no Brasil.

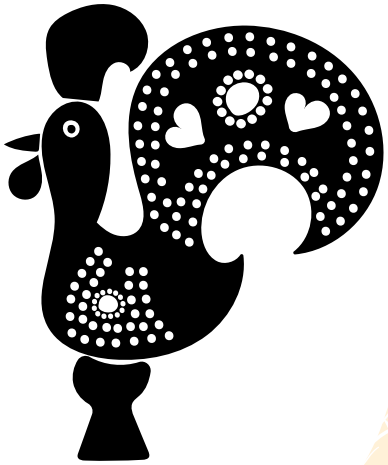
A canção começa, não por acaso, com a palavra “gosto”, que pode remeter também ao gostar no sentido comum, de ter preferência por algo, como também do sentido do paladar – língua como parte do corpo e não como apenas linguagem, objeto da fala, o que é criado no horizonte de expectativa do autor.

Gostar de roçar a língua de Luís de Camões é quase uma celebração sexual do encontro das duas pontas de nossa língua: a falada pelo poeta português escritor de *Os Lusíadas*, principal formatador do que conhecemos como Língua Portuguesa, com aquilo que se tem de mais contemporâneo: a música popular e a língua do rap.





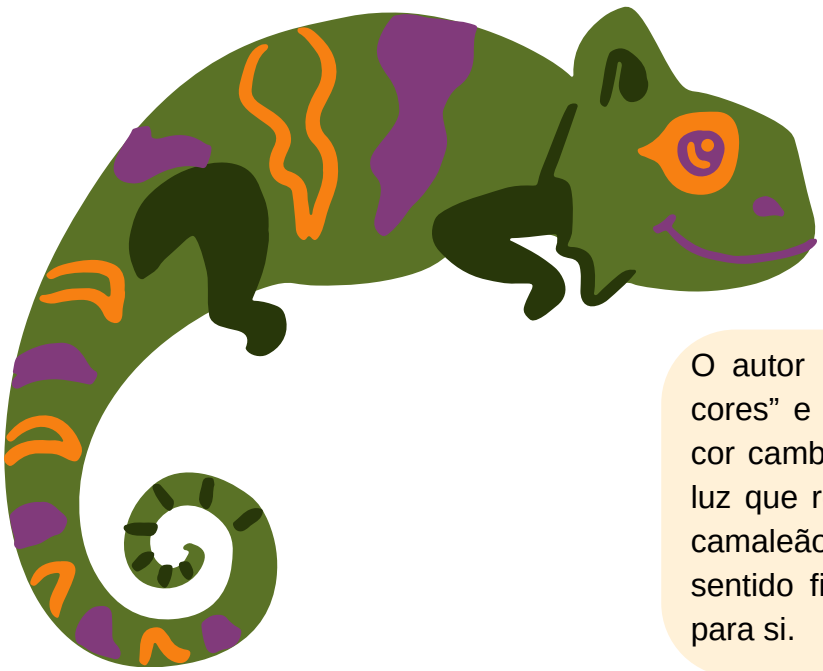
Gostar de ser e de estar é se ver diferente, e quem sabe melhor, do que a Língua Inglesa onde o verbo *to be* concentra os dois em apenas um. Enquanto ser remete a uma permanência, a uma possibilidade de essência, o estar é uma posição transitória, um estado, coisas que não podem ser expressas, pelo menos não com nossa precisão pela língua anglo-saxã.



E quero me dedicar a criar
confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores
como camaleões

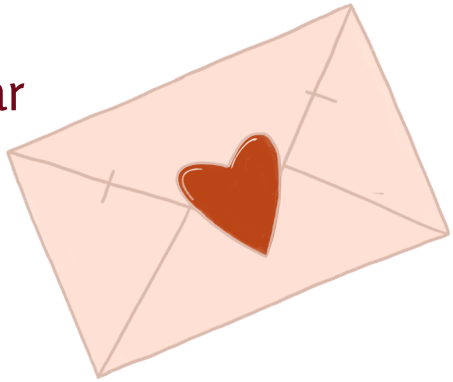
Eis a função do poeta: confundir prosódias, ou seja, tipos de fala, sotaques, ritmos, acentos, misturando tudo em um amálgama poético. Profundir paródias, também uso do poeta, está ligado ao fato de Caetano, entre outras coisas, se utilizar do rap para contar sua história da língua.

A paródia é um termo grego que vem de *para* – ao lado (paralela) e *odes* (canto), então uma paródia é uma forma de cantar ao lado, que se refere ao original, mas transforma-o, muitas vezes ironiza-o. No caso de Língua, Caetano canta ao lado de um estilo fixo – o rap – o seu rap celebração, cuja função seria, segundo ele, encurtar as dores e furtar as cores, como um camaleão.



O autor brinca com a expressão “furtar cores” e “furta-cor” que se refere a uma cor cambiante, que se altera conforme a luz que recebe. Por isso a referência ao camaleão, animal que furta (ou rouba, no sentido figurado) as cores da paisagem para si.

Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?



No uso do interdiscurso, o autor traz o poeta Fernando Pessoa e o poeta Guimarães Rosa, ambos escritores de destaque na literatura portuguesa e brasileira, e faz um jogo de palavras com os sobrenomes.

Ao citar “Pessoa na pessoa”, compreendemos como as obras do autor são espalhadas, conhecidas e introduzidas na cultura do povo, e “rosa no Rosa” podemos pensar que essa flor - símbolo do amor - representa a paixão com que escreve o poeta.

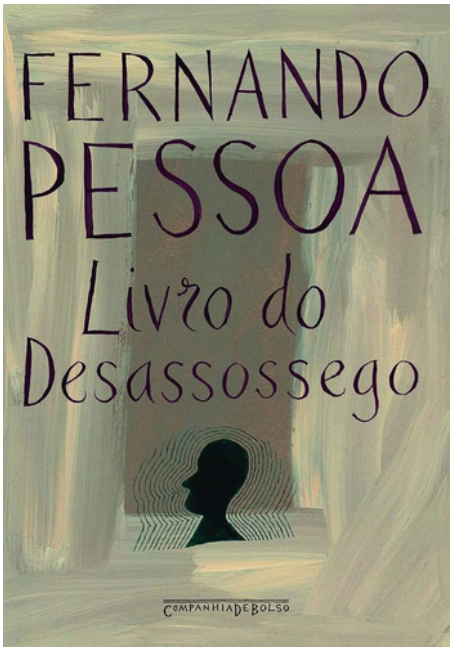
A relação entre amor e amizade foi muito explorada no decorrer da nossa história. Segundo Aristóteles, a amizade é superior ao amor porque dela se extrai uma relação moral, ou seja, existe nela uma incondicionalidade da bondade, diferente do *pathos* do amor que gera uma espécie de cegueira e engano no amador. É por isso que Caetano afirma, nesse ponto, que a poesia está para prosa assim como o amor está para a amizade: a prosa é controlada, moral, útil, enquanto a poesia é o extravasamento do sentimento, mesmo que isso represente um fato “imoral”.



E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira!

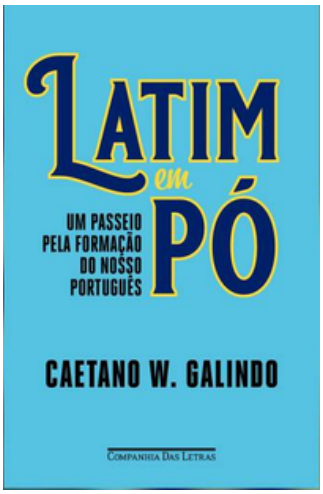


A interdiscursividade traz o tema da colonização do Brasil. Ouve-se com frequência sobre o ouro que os portugueses que aqui colonizaram não souberam aproveitar. O autor parece não se importar com o ouro perdido, e evidencia que a maior riqueza não nos foi tirada: a língua falada no Brasil.



“Minha Pátria é minha língua” é uma frase do poema do *O Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, no qual ele diz que seu apego não está ligado à nação, à pátria como um território, uma terra, que tudo isso lhe pode ser retirado, mas sua língua é sua grande referência de sentimento nacional, de pertencimento.

Flor do Lácio
Sambódromo
Lusamérica
Latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?



LATIM EM PÓ - Título do livro do tradutor e pesquisador Caetano Galindo que expõe o trajeto de formação da língua portuguesa, reconstituindo a história de nosso idioma como também os desvios, muitas vezes considerados “erros”, que formam e modificam a língua desde sua criação.

Remete ao poema de Olavo Bilac intitulado *Língua Portuguesa*:
“Última flor do Lácio, inculta e bela.
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura,
a bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida
e obscura...”.

A última flor do Lácio é a Língua Portuguesa, considerada a última das filhas do latim, formada a partir do latim vulgar – falado pelos soldados da região italiana do Lácio.

Sambódromo é uma das palavras mais recentes do português, criação tipicamente brasileira que mistura *samba* – de origem africana – e o sufixo *dromos* – do grego, lugar onde se corre (como em autódromo, kartódromo).

O “lusamérica” remete ao óbvio — somos o único país das Américas a falar português —, e o “latim em pó” lembra a origem do idioma.

A expressão “latim em pó” sugere uma história social da formação da língua, que pertence mais aos feirantes do que aos gramáticos.

Vamos atentar para a sintaxe
dos paulistas
E o falso inglês relax dos
surfistas
Sejamos imperialistas!
Cadê? Sejamos imperialistas!

PEGADINHA SONORA: o X no meio da palavra é pronunciado como SS! SintaSSe!
Sinta-se espantado com isso!



Sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si.

Tanto a sintaxe dos paulistas quanto o inglês dos surfistas são motivos de atenção pois são heranças de estrangeirismos (italiano e norte-americano).



Vamos na velô da
dicção choo-choo
de Carmem Miranda
E que o Chico
Buarque de
Holanda
nos resgate
E (xeque-mate)
explique-nos Luanda

A cantora Carmen Miranda possuía uma forma única de cantar, apressada, silábica, rítmica, percussiva, apenas alguns dos motivos que fizeram os americanos se apaixonarem pelo seu canto.

A questão é que, de certa forma, ficamos "mirandados", ou seja, mesmo que Carmen negue (e fez por meio de uma música), ficamos "americanizados" e foi preciso um Chico Buarque nos trazer de volta para África – e o fez – com a canção *Morena de Angola* que nos religa, definitivamente, com Luanda.

MÚSICA "DISSERAM QUE EU VOLTEI AMERICANIZADA" DE CARMEN MIRANDA

Ouçamos com atenção os deles e
os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo
do lobo
do lobo
do homem



Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rã e ímã
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
Nomes de nomes
Como Scarlet Moon de Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé
E Maria da Fé
E Arrigo Barnabé

Thomas Hobbes afirmou que “o homem é o lobo do homem” para dizer que somos nossos próprios algozes e agentes de nossa própria destruição, e, de certa forma, servimos de alimento a nós mesmos.

O movimento antropofágico brasileiro, a partir do manifesto de Oswald de Andrade, se utiliza do conceito que Caetano ressignifica na canção: ser o lobo do lobo do lobo do lobo do homem…

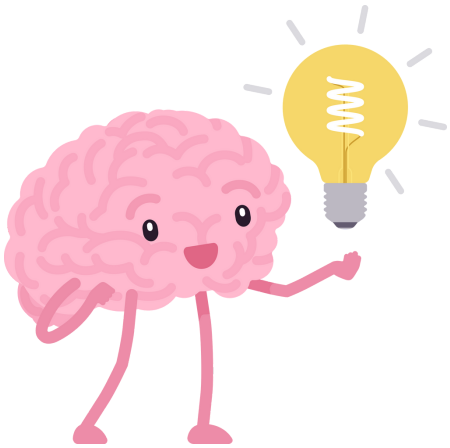
Trata-se de um movimento espiral e infinito de se alimentar de todas as culturas, manifestações, estilos e proposições culturais, incorporá-las e transformá-las para nosso contexto.

Adorar os nomes em ã tem a ver com o fato de que o *til*, o som nasal na vogal A fazendo um Ã-AN como diferença estrutural é uma das características principais do português.

NOMES CURIOSOS: Os nomes estrangeiros de Scarlet Moon de Chevalier são de uma jornalista brasileira. Glauco Mattoso é o poeta concreto que tem esse nome porque tinha um glaucoma que poderia matá-lo. Maria da Fé é de nossas tradicionais Marias com nomes da mãe de Jesus.

Se você tem uma ideia incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível
filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o Recôncavo, e o Recôncavo,
e o Recôncavo
Meu medo

Como a filosofia tradicional é, em geral, toda alemã, cria-se uma ideia de que no Brasil não se faz filosofia.



A palavra “blitz” é uma abreviação do alemão *blitzkrieg*, que significa “guerra-relâmpago”, ou ataque repentino, durante a Segunda Guerra Mundial.

No dicionário, “corisco” é uma faísca elétrica ou centelha que ocorre por ocasião de trovoada.

A tradução de “Hollywood” é “azevinho”, ou “árvore sagrada”. O nome *Holly* tem origem inglesa e deriva da palavra *holen*, do inglês antigo.

A formação da palavra “Azevedo” deu-se a partir de “azevo” que é “arbusto espinhoso” ou “pequena árvore com espinhos”.

RECÔNCAVO: palavra que significa “cavidade profunda”. Sua repetição serve para dar ideia de afundamento, afastamento da superfície, ou metaforicamente do lugar seguro, conhecido, como a língua que falamos, por isso é seguida da expressão “Meu medo”.

A língua é minha pátria



A pátria, pelo termo, vem daquele que é nosso pai. Assim, a língua, representante da pátria seria uma espécie de pai. Entretanto, conhecemos o português como “Língua mãe” e até nosso país é chamado de mãe no nosso hino: “dos filhos deste solo, és MÃE gentil, pátria amada, Brasil.”

E eu não tenho pátria,
tenho mátria
E quero frátria



Pátria originou-se do termo latim *pater* referente a “pai” e o autor propõe a substituição da raiz da palavra pela de origem *mater* que se refere a “mãe”, criando assim a palavra “mátria”.

Indo além, ele cria também “frátria” com a origem em latim *frater* que significa “irmão”. Assim, ele exprime um desejo de irmandade.

Poesia concreta,
prosa caótica
Ótica futura

Poesia concreta é um tipo de poesia vanguardista, de carácter experimental, basicamente visual, que procura estruturar o texto poético escrito a partir do espaço do seu suporte.

Contrapondo poesia e prosa mais uma vez, aqui ele utiliza o termo “poesia concreta” que se refere ao movimento e estilo de poema, em oposição ao “caótica”, que significa algo desordenado, confuso.

A palavra “ótica” é retirada da palavra “caótica”, gerando um eco dentro do texto e revela uma visão de futuro com relação à língua falada no Brasil.



Samba-rap
Chic-left com banana



Tanto o rap quanto o samba nasceram dos extremos periféricos, e buscam retratar cotidianos e a realidade de quem vive à margem da sociedade. O termo “samba-rap” é proposto como um novo gênero popular de música brasileira.

A tradução literal do inglês seria “chique-esquerda”, mas aqui há claramente um jogo sonoro a partir do nome da banda de axé “Chiclete com Banana”.

RAP: A sigla vem do inglês “rhytm and poetry”, que traduzido significa “ritmo e poesia”.

Será que ele está no Pão de Açúcar?
Tá craude brô
Você e tu
Lhe amo
Qué queu te faço, nego?
Bote ligeiro!
Arigatô, arigatô!





Uma sequência de falas a partir dos sotaques da língua portuguesa falada no Brasil, sintaxes, expressões, estrangeirismos - uma verdadeira “prosa caótica”.

Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem



Aqui o autor menciona o estilo do rap como influenciador do jeito de cantar-falar: o Harlem foi o gueto de Nova York onde o gênero musical floresceu, majoritariamente ocupado por negros remanescentes do processo de escravização norte-americana, tal qual os morros cariocas, onde o samba prosperou.

Segundo consta, surgiu na Jamaica durante a década de 60, e foi levado para os EUA, na década de 70. Mais propriamente para os bairros pobres de Nova York, onde os jovens de origem negra e espânica, que em busca de uma sonoridade diferente, deram assim um novo impulso e um novo significa ao Rap.

Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem

Significa: quantidade que se pode abranger com a mão; mão-cheia. Dá ideia de abundância.

Referência a canção de Jair Rodrigues intitulada ”Deixa isso pra lá” e considerada a precursora do RAP no Brasil, na década de 60.

MÚSICA LÍNGUA DE CAETANO VELOSO

* a versão completa desta letra tem repetições de estrofes e versos, que para este trabalho suprimidas.

COM LICENÇA POÉTICA (Adélia Prado)

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta,
anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.

O “anjo torto” é transformado num “anjo esbelto”, já não vive mais na sombra, agora toca trombeta e delega um fardo pesado a uma mulher, um cargo que não era para o mundo feminino, mas exclusivo a homens.



Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora
sim, ora não, creio em parto sem dor.

Por definição, o termo “licença poética” refere-se à liberdade que o poeta toma de transgredir as normas da poética ou da gramática.

Aqui, a autora usa o termo de forma literal, como que pedindo licença para entrar no universo de Drummond e para inverter o sentido do seu *Poema de Sete Faces*.

POEMA DE SETE FACES DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Durante todo o poema o eu lírico feminino faz referência ao eu lírico do outro poema que é um homem triste, boêmio, enquanto ela exalta belezas, crenças, esperanças, inspirações.

Nesses versos estão embutidos conceitos do ser feminino da época da autora, uma geração de mulheres educadas para o casamento, tendo marido e filhos como único horizonte.

Mas o que sinto escrevo.
Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida
é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Para finalizar, ela afirma que a mulher, apesar do fardo pesado, é forte o suficiente para enfrentar.

Desdobrável é o que foi dobrado, mas resiste e pode ser recolocado na forma original. Coisa de metamorfose.



Aqui ela quebra a regra social e expectativas sobre a mulher do seu tempo. Quando usa a palavra “mas”, sinaliza que o discurso vai enveredar por outros caminhos: a escrita é ruptura, é desvio, ainda que sina.

A autora evidencia a sua alegria e, por fim, parodia mais uma vez o poema de Drummond, em que o anjo torto diz “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.”.
A tradução dessa palavra francesa é “esquerda”, usada no sentido de “desajeitado”, “desajustado”. Adélia transforma *gauche* (que se pronunica gôche) em “coxo”, que tem sonoridade parecida e significa “manco”, “torto” - uma condição física que em sua época relacionava-se com a masculinidade, por isso tratada como maldição.

Chico Buarque também se inspirou no *Poema de Sete Faces* para compor a letra da música "Até o fim", de 1978:

“Quando nasci veio um anjo safado,
o chato dum querubim
e decretou que eu estava
predestinado
a ser errado assim…”

MÚSICA ATÉ O FIM DE CHICO BUARQUE

O RELÓGIO (Vinicius de Moraes)

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai-te embora
Passa, tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou
Muito cansado
Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac...



Criado como poema infantil, esse texto apresenta como protagonista - o eu lírico - o próprio relógio, que está apressado e cansado de trabalhar repetidamente.

O texto é uma reflexão poética sobre a passagem do tempo e a percepção da vida que se esvai com o constante 'tic-tac' dos segundos. A repetição incessante do som do relógio simboliza a monotonia e a inevitabilidade do tempo que passa, uma metáfora para a rotina e a finitude humana.





O poeta expressa um sentimento de cansaço e perda de alegria, uma alusão ao desgaste emocional e físico que acompanha o envelhecimento e a repetição dos dias. A insistência no “tic-tac” e na alternância entre “dia e noite” reforça a ideia de um ciclo interminável, que não espera e não perdoa.





Tic-tac é uma figura de linguagem que representa um som (do relógio) e, por isso, se trata de uma onomatopeia. A onomatopeia é uma figura de linguagem que tenta reproduzir, por escrito, sons e ruídos de objetos, animais e fenômenos da natureza.

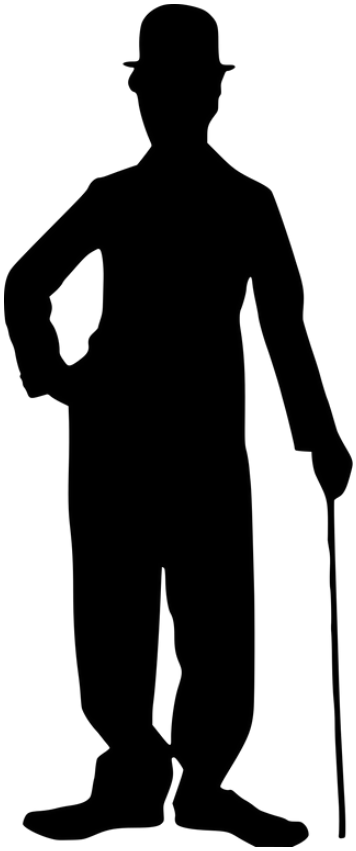
MÚSICA O RELÓGIO DE VINICIUS DE MORAES

O AMOR BATE NA AORTA (Carlos Drummond de Andrade)

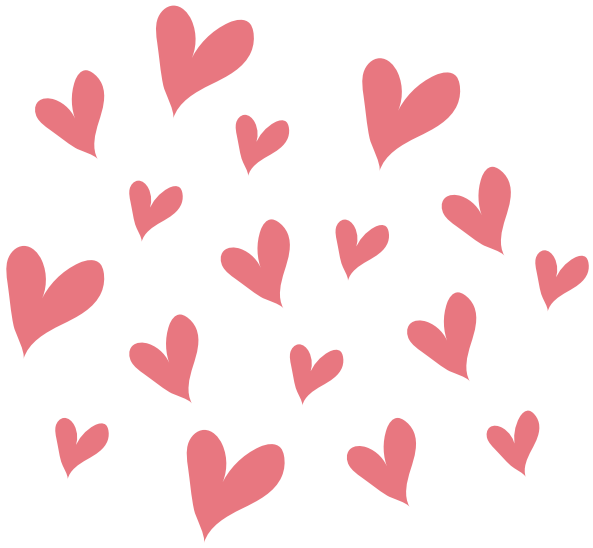
Cantiga de amor sem eira
nem beira,
vira o mundo de cabeça
para baixo,
suspende a saia das mulheres,
tira os óculos dos homens,
o amor, seja como for,
é o amor.

O amor, tema que foi tão largamente utilizado pela poesia e por isso poderia parecer desgastado, ganha nova significação, numa estrutura poética que leva em conta o próprio ato criativo implícito na experiência subjetiva do amar.

O poema tem um tom irônico marcante e na primeira estrofe retrata o amor declarado, mesmo que seja superficial e sem sentido, e termina com uma ironia em relação ao poder persuasivo do amor.



Meu bem,
não chores,
hoje tem filme
de Carlito.



A próxima estrofe é curta, possui apenas dois versos, e cita Charles Chaplin. Ela se desloca do poema, como um consolo à pessoa amada, que estaria triste.

O amor bate na porta
o amor bate na aorta,
fui abrir e me constipei.
Cardíaco e melancólico,
o amor ronca na horta
entre pés de laranjeira
entre uvas meio verdes
e desejos já maduros.

PORTA - AORTA - HORTA

O autor propõe um jogo sonoro com as palavras, sendo que no caso de “na aorta” e “na horta” o som é praticamente idêntico.



VERDES X MADUROS



A antítese é uma figura de linguagem usada para realçar e intensificar o sentido daquilo que se fala por meio do uso de termos com sentidos opostos no discurso.

No início da terceira estrofe, temos a experiência negativa do eu lírico com o amor ironizada através do uso do vocábulo aorta para designar coração, que é relacionado ao amor no senso comum, de forma irônica.

Ele aborda o amor como uma má experiência, algo que lhe trouxe uma constipação: metáfora para uma doença do coração (da aorta) que o amor lhe trouxe. Em seguida, passa a abordar o comportamento do sentimento amor, fazendo reflexões de forma irônica sobre o sentimento.

Entre uvas meio verdes,
meu amor, não te atormentes.
Certos ácidos adoçam
a boca murcha dos velhos
e quando os dentes não mordem
e quando os braços não prendem
o amor faz uma cócega
o amor desenha uma curva
propõe uma geometria.
Amor é bicho instruído.

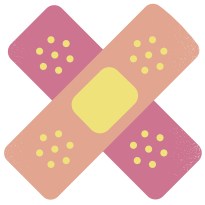


A quarta estrofe traz o amor como uma resposta fraca para o impossível.

O ácido que adoça a boca é o amor, também visto como uma cócega quando já não se tem mais o que fazer com a vida, desenhando uma curva no trajeto reto em direção à morte, pois traz um conforto insuficiente ao ser humano, e por isso é instruído: manipula o homem, que acredita que ele é suficiente para si.

Olha: o amor pulou o muro
o amor subiu na árvore
em tempo de se estrepar
Pronto, o amor se estrepou.
Daqui estou vendo o sangue
que escorre do corpo andrógino.
Essa ferida, meu bem,
às vezes não sara nunca,
às vezes sara amanhã.





Uma prosopopeia do amor é apresentada na penúltima estrofe, na qual o eu lírico narra o caminho do sentimento até o coração do homem se partir. A passagem “o amor pulou o muro” pode ser uma alusão à expressão popular “pular a cerca”, que significa trair alguém em um relacionamento amoroso, ou “fazer algo proibido”.

Androginia se refere à mistura de características femininas e masculinas em um único ser.

Mais uma vez a ironia: a dor de amor pode durar muito tempo, como pode também ser curada repentinamente.

Daqui estou vendo o amor
irritado, desapontado,
mas também vejo outras coisas:
vejo corpos, vejo almas
vejo beijos que se beijam
ouço mãos que se conversam
e que viajam sem mapa.
Vejo muitas outras coisas
que não ouso compreender...

O comodismo do homem em relação ao amor é abordado na última estrofe: mesmo ferido, continua tanto entre as pessoas que se feriram quanto renasce em outros casais, de forma que o eu lírico não compreende essa insistência em vivenciar algo que vai causar dor.





ODE AOS RATOS (Chico Buarque)

Rato
Rato que rói a roupa
Que rói a rapa do rei do morro
Que rói a roda do carro
Que rói o carro, que rói o ferro
Que rói o barro, rói o morro

Criada como letra de música para a peça teatral *Cambaio*, de 2001.

Ode é uma composição poética do gênero lírico que se divide em estrofes simétricas. O termo tem origem no grego *odés* que significa “canto”.



Referência à brincadeira de trava-língua: “Rato que rói a roupa do Rei de Roma”.



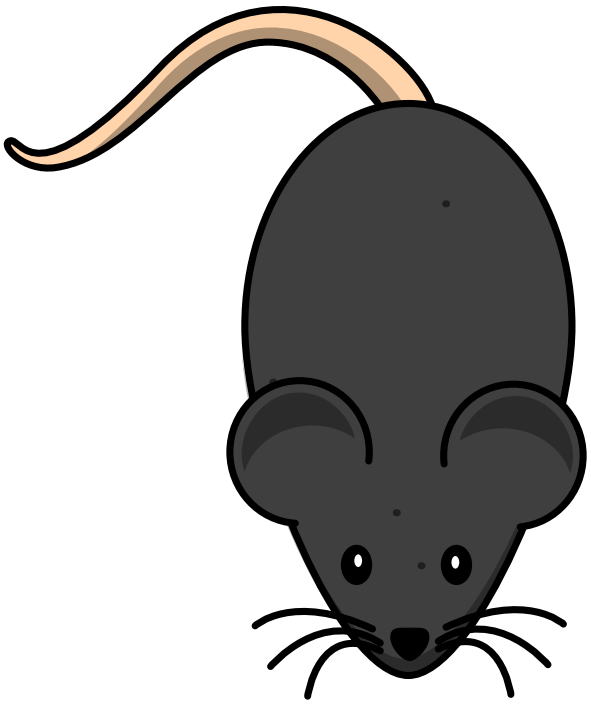
O texto é uma espécie de louvação aos ratos de rua, criaturas que, muitas vezes, passam de maneira despercebida, mas quando vistos provocam ojeriza, angústia, horror. Dentro do discurso poeticamente elaborado, tornam-se criaturas semelhantes aos humanos, que lutam em busca de sua sobrevivência em meio ao caos da cidade grande.

A aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais ou sílabas, para remeter a um som e estabelecer efeitos sonoros específicos no texto.

Rato que rói o rato
Ra-rato, ra-rato
Roto que ri do roto
Que rói o farrapo
Do esfarra-rapado
Que mete a ripa, arranca rabo
Rato ruim
Rato que rói a rosa
Rói o riso da moça
E ruma rua arriba
Em sua rota de rato

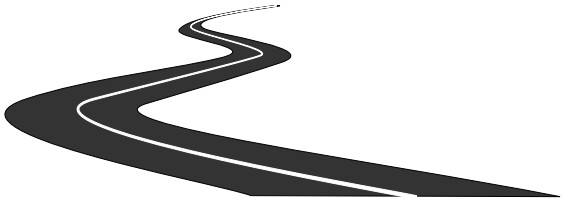
O rato apresentado na canção tem consciência dos espaços em que transita e das ações que pratica. Em alguns momentos é apresentado como “rato ruim” que retira o “riso da moça” e o seu próprio semelhante é um “rato que rói o rato”.

Este trecho da canção é entoado como uma embolada, que é uma forma musical com textos declamados rapidamente sobre notas repetidas, um magnífico emaranhado de palavras com sílabas sonoras que propositalmente se repetem culminando na analogia ao trava-língua.



O que já parecia um rap se torna mais inusitado no bololô, gaguejando o único nome: “Ra-rato, ra-rato”. Por fim, nos lembra que, gostemos ou não, o rato há de seguir seu destino, cumprindo sua sina de roedor.

A viagem de volta ao tempo que o autor proporciona nessa música – da insensibilidade adulta à leveza infantil – é a razão pela qual não devemos ter ódio aos ratos. Ao contrário, em mais uma sutil utilização de palavras, ele transforma o *ódio* em *ode*, daí o título.



MÚSICA ODE AOS RATOS DE CHICO BUARQUE E EDU LOBO

* a versão completa desta letra tem outras estrofes que para este trabalho foram suprimidas.

POEMA-CAUDA (Lewis Carrol)

Disse o gato pro rato:
Façamos um trato.
Perante o tribunal
eu te denunciarei.

Que a justiça se faça.
Vem deixa de negaça,
É preciso afinal
que cumpramos a lei.

Disse o rato pro gato:
-Um julgamento tal,
sem juiz, nem jurado,
seria um disparate.

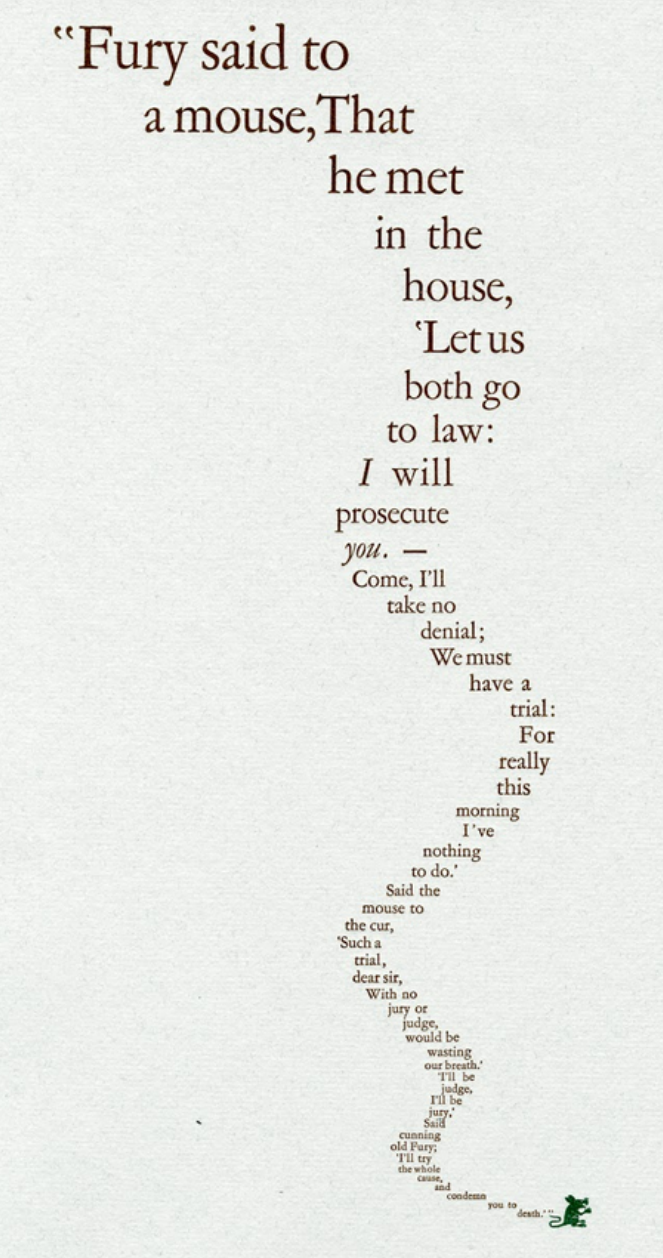
O juiz e o jurado
Serei eu, disse o gato.
E tu, rato, réu nato,
eu condeno a meu prato.

Este poema faz parte do livro “Alice no país das maravilhas” e teve tradução para o português no Brasil feita por Augusto de Campos. Este é um exemplo de tradução não literal, ou seja, uma recriação a partir de um texto em língua não latina.

Augusto de Campos dedicou sua vida à poesia sendo poeta, tradutor, ensaísta e crítico literário, foi um dos criadores da Poesia Concreta brasileira que floresceu na década de 1950.

Desenvolveu um trabalho de tradução poética que revolucionou a atividade no país. Sua proposta não era apenas traduzir poesia, mas recriar a poesia em outra língua. O trabalho de recriar o original como atitude de criação é o conceito que passou a ser chamado de Transcriação.





O poema disposto de forma tradicional, em versos, tem quatro estrofes de três versos (rimas AAB e CCB, repetidas), mantidas na tradução.



"The Mouse's Tale", um poema visual publicado por Lewis Carroll em 1865, aparece na trama de "Alice no país das maravilhas" pela voz do Rato, para cumprir a promessa que havia feito à menina de contar uma história que esclareceria o pavor que ele tinha por gatos e cachorros, tendo como plateia não só a menina, como também vários outros animais sentados numa roda.

O Rato introduz a história dizendo: "mine is a long and a sad tale". De imediato temos claramente no poema um trocadilho: *tale* significa "conto", "fábula" e *tail* significa "cauda".

Do ponto de vista semântico o poema, além de trazer o tema da predação, também inclui o tema do tribunal como encobrimento.

No original em inglês, o antagonista é um cachorro e não um gato como na tradução. É apresentado como Fury (com letra maiúscula, indicando ser esse o nome) e adjetivado como *cur* (cachorro sem raça definida, o chamado "vira-lata", também significando alguém covarde).

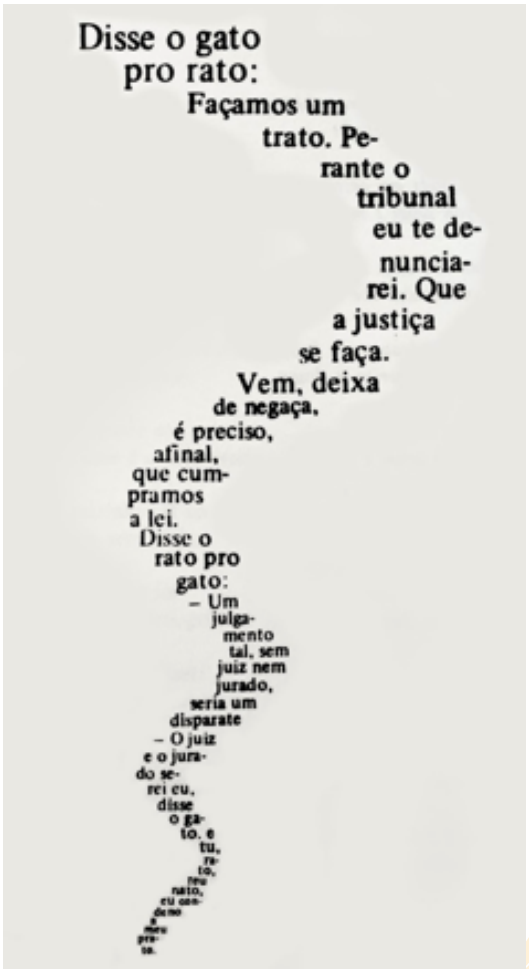
Temos no poema um entrelaçamento variado de signos com sons, formas e sentidos que se ecoam, se cruzam, se alongam e se cortam. É esse entrelaçamento que Augusto vai procurar transcriar para o português.

Augusto cria um jogo com as palavras para estabelecer a relação de “rato” e “prato”, não por acaso estando elas posicionadas uma no início do poema e outra no fim. Elas são mais do que uma rima, uma contém a outra, identificando-as semanticamente e esteticamente. Também “rato” está contido em “trato”, que é a proposta de ida ao tribunal, processo que transformará o rato em prato.



Uma modificação intrigante se dá na escolha do antagonista. Já que o Rato havia prometido explicar o medo que tinha de cachorros e gatos e, no original exemplifica o medo que sente por apenas um desses animais, fica implícito que seria indiferente se ele tivesse escolhido falar do gato ao invés do cachorro. Essa indiferença semântica parece ser o que levou Augusto a escolher o gato como o antagonista, o que traz ganhos sonoros significativos, já que gato e rato diferenciam-se apenas pela primeira letra.





No poema visual o corte da palavra “de-nuncia-rei” isola o vocábulo “rei” que obviamente se cola ao antagonista. Isso acontece novamente no corte da palavra “se-rei” no penúltimo verso. Outro efeito interessante na disposição tipográfica foi que a palavra “rato” dentro de “pra-to” também aparece cortada no fim, podendo expressar o rato já cortado ao meio pelos dentes do felino.

NOME (Arnaldo Antunes)

Algo é o nome do homem
Coisa é o nome do homem
Homem é o nome do cara
Isso é o nome da coisa
Cara é o nome do rosto
Fome é o nome do moço
Homem é o nome do troço
Osso é o nome do fóssil
Corpo é o nome do morto
Homem é o nome do outro

O autor se utiliza da palavra como elemento de desconstrução da figura humana, a qual ele classifica e ao mesmo tempo desclassifica de qualquer tipo de conceito (homem, moço, cara, algo, coisa, troço). Este homem já perdeu toda sua identidade, tornou-se um vazio total. É um tudo e o nada em um mundo frio, subjetivo e impessoal.
Os vários conceitos do homem se expandem, chegando ao limite abstrato da existência, causando até mesmo certa estranheza.



A poesia nos remete a uma realidade onde a figura do homem pode ser observada de diferentes ângulos e nos leva a uma profunda reflexão sobre este ser enquanto parte de um meio.



Neste poema cada verso tem a mesma métrica. A métrica é o recurso utilizado para se medir um verso através da contagem das sílabas poéticas. Essa técnica leva em consideração a sonoridade. As sílabas poéticas são diferentes das sílabas gramaticais.

O autor também vale-se de termos dissílabos e paroxítonos no final de cada verso.

MÚSICA NOME DE ARNALDO ANTUNES

REFERÊNCIAS

https://www.pravaler.com.br/blog/dicas-de-estudo/figuras-de-linguagem/

https://www.todamateria.com.br/neologismo/

https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-rima.htm

https://blog.mackenzie.br/vestibular/materias-vestibular/como-interpretar-poesia/

https://quintanaeterno.blogspot.com/2009/08/releitura-biblica.html

https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/6044/1/Marcos%20Xavier%20Borba_Tese.pdf

https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/3/PERESKLINKE.pdf

https://jornalnota.com.br/2016/01/21/a-cancao-lingua-de-caetano-veloso-um-minucioso-tratado-da-lingua-portuguesa/

https://www.otempo.com.br/blogs/paulo-navarro/ultima-flor-do-lacio-1.2297344

https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/230/228/732

http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4489/1/PDF%20-%20Tiago%20Mois%C3%A9s%20Lopes.pdf

https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/revista-digital/artigo/18/conversando-sobre-poesia

https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/153/pdf_19

https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/21645/14503

https://ceciliafurquim.blogspot.com/2017/07/pelas-caudalosas-camadas-e-curvas-do.html

https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/literatura/analise-dos-poemas-digitais-nome-diferentede-arnaldo-.htm

https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/653/584